

PAULO PEREIRA - PRESIDENTE DA DELEGAÇÃO REGIONAL DA MADEIRA DA ORDEM DOS ECONOMISTAS

1 A cidade beneficia da graça de Deus de viver continuamente em paz praticamente desde a sua existência e de nunca ter sofrido um desastre natural de proporções bíblicas, o que permite um significativo acumular de capital físico essencialmente privado, mas também público, que têm ajudado a economia e consequentemente a vida das pessoas a evoluir em paz social, não implicando isso que o Funchal seja um paraíso na Terra, como nenhum lugar o é. Algum mérito tem de ser dado à nossa história, cultura e legado no respeito pela vida e pela propriedade privada que tem sido pilares fundamentais para que uma capital de uma ilha tão pequena, periférica e nua de recursos, de um país tão pobre e sistematicamente mal governado, te-

na um desenvolvimento contínuo há quase 600 anos, obviamente com muitas falhas próprias e dores internas. Os últimos 20 anos são uma continuidade desse percurso com tendência de crescimento, pautado contudo, pela convivência com crises económicas, os tradicionais ciclos de emigração, alterações paisagísticas, expansão da cidade e tentativas de adaptação da mesma à evolução do mundo e necessidades das pessoas, mais ou menos atrapalhada pelas sistémicas intervenções dos decisores políticos (locais e de fora) que teimam em querer impor aos outros a sua visão do mundo e centralizar em si o poder de a “transformar” em busca dos eternos “amanhãs que cantam”.

2 Uma cidade é um organismo vivo e como tal é uma ilusão esperar por atingir um “zenit” existencial, seja ele qual for. Os desafios serão constantes e permanentes, como acontece com todos os organismos vivos. Foi assim na primeira fase contra a floresta original, depois contra os piratas e corsários, depois contra as cíclicas crises climatéricas e suas implicações agrícolas, depois a expansão para fora das muralhas, as redes sanitárias, de água e de electricidade, as estradas, etc.. Neste momento o principal desafio é a cidade aprender, dentro do sistema que lhe é imposto de fora, a contornar inteligentemente as loucuras monetárias do Banco Central Europeu, das burocracias impostas pela Comissão Europeia, à irresponsabilidade fiscal dos governos

de República e aos demandos do Governo Regional.

3 A cidade não é a resposta para todos os problemas de todos os cidadãos, como também não o é a própria Região nem o país. É um facto que aqui (tal como em qualquer lugar da Terra) nunca haverá tudo para todos e cada indivíduo tem a sua percepção única da cidade e de como esta pode e deve ser adaptada às suas circunstâncias únicas. O progresso do Funchal e aumento de qualidade de vida do máximo de pessoas passará por garantir mais liberdades individuais aos seus concidadãos, não os infantilizando, mas sim responsabilizando-os, motivando-os e permitindo que explorem ao máximo os seus dons naturais e com isso beneficiar, por consequência natural, todo o colectivo.

HÉLDER SPÍNOLA - INVESTIGADOR E PROFESSOR ADJUNTO CONVIDADO DA ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIAS E GESTÃO DA UMA

1 Nas últimas duas décadas a cidade do Funchal optou por se deixar levar pelas circunstâncias do momento e interesses imediatos e perdeu a oportunidade de evoluir e se adaptar ao século XXI. Na primeira década a cidade optou por massificar a construção, fazendo-o de forma desordenada e desrespeitando os instrumentos de ordenamento do território. Intensificou a ocupação do litoral, ocupou para montante os leitos de cheia das ribeiras e deixou a construção estender-se em mancha de óleo, não respeitando sequer as zonas verdes urbanas de protecção. Neste período, o Funchal falhou vários testes de resiliência relativamente aos problemas que as al-

terações climáticas estão a intensificar. Falhou nas cheias de 20 de Fevereiro de 2010 e, entre outros, nos incêndios de Agosto de 2016. O que foi feito depois destes terríveis testes à cidade não garantiu uma alteração da realidade, e em alguns casos reincidiu-se no erro.

2 O Funchal precisa de uma visão de médio e longo prazo que seja adequada aos novos desafios que enfrenta. A qualidade ambiental e a minimização dos efeitos das alterações climáticas devem estar no centro dessa visão. Cada vez mais estaremos sujeitos a ondas de calor, eventos de forte precipitação localizada e tempestades marítimas. A cidade

precisa de estar preparada para essa nova realidade, o que implica uma transformação social e territorial profunda na forma como a cidade cresce e funciona.

3 O Funchal tem vários problemas por resolver ou, pelo menos, minimizar, e o pior é que em muito casos a tendência tem sido a de os agravar. O ordenamento do território é um dos casos mais graves, principalmente pelas consequências que daí resultam para o funcionamento e segurança da cidade. É necessário criar uma rede de corredores de espaços não urbanizáveis na cidade, renaturalizando cursos de água, a faixa litoral e as encostas

mais declivosas. É fundamental aproximar os serviços e os empregos dos locais onde as pessoas residem de modo a prevenir as necessidades de mobilidade, ao mesmo tempo que se dá prioridade aos transportes colectivos através de corredores dedicados, um melhor serviço e caminhando para a sua gratuitidade. Falta ainda reduzir substancialmente as perdas de água nas redes de distribuição, escandalosamente acima dos 60%, reduzir a produção de resíduos e aumentar a taxa de reciclagem, ainda abaixo dos 20%, e promover a eficiência energética, complementando-a com um maior aproveitamento das energias renováveis.

SUSANA JESUS - PRESIDENTE DA SECÇÃO REGIONAL DA MADEIRA DA ORDEM DOS ARQUITECTOS

1 A cidade do Funchal dos últimos 20 anos tem evoluído muito ao sabor da especulação imobiliária e sob pressão, mediante a necessidade de resposta rápida às emergências que tem vindo a surgir, quer sejam populacionais, de aluviões, incêndios. Estas urgências sobrepõem-se muitas vezes ao percurso evolutivo aconselhado que seria um planeamento sério e dinâmico o suficiente para agregar todas as necessidades e “dores” de crescimento de uma cidade.

2 Diria que os principais desafios serão a Mobilidade e a Habitação Colectiva. Uma das apostas mais fortes do desenvolvimento de uma região é o da mobilidade, mas em vez de se apostar nos veículos eléctricos para todos - creio que não haverá capacidade de produção para tanto veículo privado, e mais ainda

temos que nos questionar sobre o que será feito quando chegarem ao fim de vida: para que sucata irá tanto veículo?; que custos trarão para a Região? - por isso em vez de se apostar no aumento da estrutura viária, dever-se-ia equacionar uma política de redução em larga escala de circulação de veículos privados e para tal terá de ser concretizada uma aposta muito forte nos transportes públicos, a chegar a todos os “cantos” da Ilha, frequentes, muito cómodos e baratos (há sempre modos de se conseguir outro rendimento público, em alternativa aos combustíveis). Em relação à habitação, a cidade já tem betão suficiente para os próximos 100 anos, mais ainda porque a tendência da população será a de diminuir, e os prédios devolutos irão aumentar cada vez mais. E é preciso criar atractivos para trazer os habitantes de novo para a sua cidade, quer de segurança,

quer financeiros ou de qualidade de vida.

3 O Funchal precisa urgentemente de apostar na requalificação do seu parque urbano, das suas edificações (algumas históricas) intercalando-as com uma mobilidade eficaz e funcional, apostando numa arquitectura de qualidade e sustentável. Por isso, em vez de se construir ao ritmo que temos assistido, deveria haver uma aposta muito clara na reabilitação, de modo a reestruturar o património construído, algum vetado ao abandono, com consequências graves para a cidade e os seus habitantes, como aconteceu no incêndio de 2016. Com o uso generalizado de transporte público, será promovida uma cidade mais equilibrada e mais democrática, a par de intervenções nas zonas altas, que as tornem atractivas e que sejam, também elas pontos de

procura turística, será uma oferta diferenciada da que existe na baixa do Funchal, com enquadramentos visuais tão diferentes e extraordinários, com acessos a percursos pedonais, mais próximos e mais acessíveis, mas sem permitir que a cidade cresça para zonas ainda mais altas, com uma contenção eficaz da construção, teremos uma cidade mais equilibrada em todo o seu território. Ao reduzir os carros privados no uso diário, a cidade ficará com as suas ruas mais libertas, não precisa de tanto estacionamento, os passeios podem ser alargados, onde o peão será o factor mais preponderante. Porque na verdade o que se deve idealizar para o Funchal do futuro é que seja pensada para o ser humano, quer sejam os funchalenses ou quem nos visita. O Funchal poderá assumir um papel exemplar na reconversão de uma cidade “betonizada” para uma cidade humanizada.